

O mundo dos mortos em vida nos contos “Clay” de James Joyce e “Life of Ma Parker” de Katherine Mansfield

Patrícia Maria dos Santos Santana
Pg – UNIGRANRIO *

RESUMO: O objetivo do presente artigo é analisar os dois contos “Clay” e “Life of Ma Parker” escritos respectivamente por James Joyce e Katherine Mansfield, explicando as razões e as técnicas usadas pelos autores mencionados na intenção de expressar vidas frustradas e sem sentido, ou seja, expressar o mundo de vivos-mortos nos quais seus personagens estão inseridos.

Palavras-chaves: Joyce, Mansfield, vivos-mortos, frustração, Epifania.

The world of the dead in “Clay” by James Joyce and “Life of Ma Parker” by Katherine Mansfield

Abstract: The aim of this paper is to analyze the two short stories “Clay” and “Life of Ma Parker” written by James Joyce and Katherine Mansfield respectively, explaining the reasons and techniques used by the mentioned authors to express frustrated meaningless lives without any kind of sense, that is, to express the living-dead world in which their characters are inserted.

Key words: Joyce, Mansfield, living-dead people, frustration, Epiphany.

Quem nunca quis morrer
Não sabe o que é viver

Mário Quintana

James Joyce e Katherine Mansfield apresentam algo em comum em suas vidas pessoais: ambos os autores deixaram as suas cidades natais para encontrarem seus destinos em algum lugar distante. Joyce deixou Dublin quando ainda era muito jovem. De qualquer forma, o seu amor pela Irlanda nunca o permitiu escrever qualquer palavra que fosse sobre nenhum outro lugar no mundo: cada trabalho de Joyce está declaradamente relacionado ao seu próprio país. “Clay” (Barro) é um conto do livro *Dubliners* que é, como o

próprio título sugere, um livro sobre Dublin e sua gente, revelando traços da vida social, artística, religiosa e política da Irlanda. Mansfield

* Graduada em Letras (Português/Inglês) pela UFRJ, pós-graduada em Docência do Ensino Superior e em Língua Inglesa pela UCAM e mestranda do Programa de Letras e Ciências Humanas da UNIGRANRIO.

também mostrou um sentimento deveras nostálgico em relação a sua cidade natal e desejou muitíssimo escrever sobre a mesma, como certa vez confessou: “I want to write recollections of my own country. Yes, I want to write about my own country till I exhaust my store 1”(GORDON, 1954, p. 11). Através das narrativas de Katherine Mansfield, o leitor percebe a descrição que a autora faz de Nova Zelândia, sua cidade natal, seus lugares e histórias, como Joyce faz para descrever a Irlanda do autor. As histórias de Mansfield se baseiam na própria experiência de vida da autora: são casos com toques puramente pessoais. Há algo incrivelmente existencial nessas histórias que muito se relacionam com a insignificância do cotidiano da vida e nunca envolvem temas mais grandiosos ou socialmente representativos. Seus relatos se referem a sua Nova Zelândia, mas não da forma política pela qual Joyce escreve sobre a Irlanda. Nova Zelândia surge como uma estranha fonte de inspiração para a autora, como assim descreve J. Middleton Murry:

She had suffered in New Zealand, unconsciously and silently as a little child, consciously and resentfully as an adolescent girl. For many years her resentment against New Zealand became as it were the symbol of her resentment against life itself 2. (MURRY, 1959, p.81)

Mais à frente Murry conclui dizendo: “If ever there were a writer whose life and work were one and inseparable, it was she³” (p. 91). Acredita-se que a Nova Zelândia é a responsável, a grande culpada pela forma na qual escreve seus contos e pela maneira que Mansfield posiciona seus personagens perante a vida. “Life of Ma Parker” (A vida de mãe Parker) é um conto do livro *The Garden Party*, o mais expressivo livro da carreira de Mansfield.

Maria e Ma Parker são as duas protagonistas de cada uma das histórias tratadas aqui. Ambas são mulheres maduras e que pertencem à

classe trabalhadora. Embora apresentem boa índole, o nível de pobreza no qual estão inseridas leva tais personagens a um grau irreal de conformidade com a vida. Na verdade, somente Ma Parker é capaz de reconhecer a frustração que a vida pode oferecer quando não há mais nada a esperar da própria vida em si. Maria é, por sua vez, completamente desavisada sobre a vida sem sentido que leva. Maria apresenta um grau elevado de autoestima, gosta de si mesma e de se vestir bem, considerando o próprio exemplo extraído do texto:

Then she took off her working skirt and her house-boots and laid her best skirt out on the bed and her tiny dress-boots beside the foot of the bed. She changed her blouse too and, as she stood before, she thought of how she used to dress for mass on Sunday morning when she was a young girl; and she looked with quaint affection at the diminutive body which she had so often adorned. In spite of its years she found it a nice tidy little body ⁴. (JOYCE, 1975, p.72)

De acordo com esta citação, Maria parece feliz e satisfeita com ela mesma, com o seu corpo e com a sua vidinha medíocre. Ao lembrar-se da infância, Maria demonstra que nada mudou em sua simples rotina. Maria não se casou, não teve filhos e a vida seguiu seu curso como sempre. A missa de domingo continua sendo a única ocasião na qual ela tem a oportunidade de se vestir melhor. Apesar da vida insignificante, ela não só se apresenta feliz como também demonstra uma atitude positiva em relação a sua vida e ao modo em que vive: “She arranged in her mind all she was going to do and she thought how much better it was to be independent and to have your own money in your pocket ⁵” (JOYCE, 1975, p.73). Maria usa a palavra “independente” não como uma forma de conquista, mas para expressar que ela está sozinha no mundo. Maria não tem família e vê nos dois rapazes que ajudou a criar, Joe e Alphy, os filhos que ela não teve. Por pertencer à classe trabalhadora fazendo serviços gerais em uma lavanderia, não é muito difícil concluir que o dinheiro que Maria recebe é pouco, mas, mesmo assim, Maria é uma pessoa sempre otimista, bastante feliz e conformada com a vida que possui.

A protagonista de “Clay” é descrita por James Joyce através de uma idéia paradoxal entre o feio e o belo. O feio compõe o exterior da personagem apresentada por Joyce como um ser que muito se assemelha a uma bruxa com seu “very long nose and very long chin” (nariz muito longo e queixo muito comprido). Em contrapartida, Maria é bela por dentro. Uma “peace-maker” (pacificadora) em sua capacidade de transformar as situações buscando a paz entre as pessoas que a cercam. E Maria também é capaz de ver o lado bom de todo ser humano e de toda situação existente: “She used to have such a bad opinion of Protestants but now she thought they were very nice people, a little quiet and serious, but still very nice people to live with”⁶ (JOYCE, 1975, p.72). Alguns estudiosos sobre o trabalho de James Joyce costumam relatar a criação proposital do autor e comparar a personagem Maria à própria Virgem Maria, primeiramente pela coincidência do nome e, mais adiante, por sua compaixão, pela falta de orgulho, pelo coração puro, por interceder quando necessário se faz. Visto de outro prisma, Maria é, de fato, uma pessoa ingênua e alienada por não ter plena consciência política da vida que leva. Esse tipo de alienação é criado por Joyce de forma intencional, fazendo com que o leitor entenda que Maria também representa Dublin em sua própria condição como colônia. Se até hoje muitos ânimos irlandeses se alteram quando se fala da relação entre Irlanda e Inglaterra, imagine, pois, o ânimo de um intelectual como James Joyce ao pensar sua terra querida nos idos de 1914, ano da primeira publicação de *Dubliners*.

A personagem de Katherine Mansfield, Ma Parker, muito se assemelha à Maria de James Joyce. Ma Parker é uma mulher forte que sofreu ao longo de sua vida sem sentido. De acordo com Gordon, Ma Parker é “a woman on her own in an unfriendly world”⁷ (1954, p. 14). Ela é, como Maria, uma mulher de boa índole, porém apresenta um nível de conscientização sobre sua vida bem melhor que o nível que Maria apresenta. Ma Parker percebe os pesares de sua vida e tenta arrumar um lugar para chorar. Ao procurar esse momento de fuga para chorar, que é o primeiro momento que chora perante todas as dificuldades que atravessa, Ma Parker enxerga que chorar se faz necessário nesse mundo. Ao chorar, ela deixa tudo para trás, inclusive a sua fortaleza. É nesse momento que a personagem percebe que ela precisa

permitir uma oscilação entre seus sentimentos, ou seja, combinar a sua fortaleza com seu momento de fraqueza humana, para não explodir por dentro. E a morte do neto de Ma Parker é o ponto no qual culmina toda a dor de sua existência. Este é o clímax de suas emoções. Através da morte do menino, Ma Parker entende que a vida significa “frustração” e entende também que a existência não é fácil para uma mulher que não pode esperar nada de bom da vida em si, principalmente quando a única possibilidade de felicidade (no caso, o netinho) lhe é arrancada pela própria vida. Ao tornar-se avó, Ma Parker supõe estar próximo o fim de sua existência e que não há nada mais para se esperar do ato de viver.

Enquanto nas linhas do conto de Mansfield, Ma Parker se torna uma mulher questionadora e desesperada ao se deparar com as frustrações que a vida tinha reservado para ela, a personagem Maria de Joyce mostra-se, ao contrário, mais alienada e desavisada que nunca. Maria canta: “I dreamt that I dwelt in marble halls/ With vassals and serfs at my side (...)”⁸ (JOYCE, 1975, p.75) e a canção mostra uma triste ironia porque a vida que a personagem leva é completamente diferente do que é dito na música. A canção é uma espécie de fuga da realidade e o ato de cantar para Maria é a única forma de ser ou ter tudo o que ela sonha. De qualquer maneira, seus sonhos nunca se realizarão. A pobre Maria é bastante ingênua para perceber o paradoxo criado por ela mesma, o paradoxo criado com a canção. E Joe é o único que percebe a ironia triste das palavras de Maria na mencionada música.

O uso da linguagem lírica de Katherine Mansfield em seus contos faz com que o leitor acredite estar muito mais diante de uma poeta do que de uma escritora de contos. Por esta razão alguns críticos, como Gordon e Berkman, acreditam que a sua linguagem deva ser bem mais considerada uma combinação poética que uma narrativa em si. As descrições de Mansfield se relacionam com os sentidos. Ela é uma escritora realista, porém intimamente ligada ao Impressionismo. Katherine Mansfield é direta e seu jeito de escrever não é ingênuo, vago ou nebuloso. O que quer que ela escreva, ela sabe muito bem o efeito que ela deseja transmitir ao leitor. Por outro lado, James Joyce não denota uma visão direta ou, digamos, completa dos fatos. Embora realista,

Joyce segue a linha naturalista, influenciado por grandes nomes como Henrik Ibsen e Flaubert. Joyce e Mansfield abordam, como ótimos escritores realistas, a vida com impressões sensoriais, lançando mão do uso efetivo de cores, descrições visuais, comportamentos e sentidos. Berkman afirma: “Miss Mansfield may have been familiar with *Dubliners* after its belated publication in 1914 though she has left no recorded reference to the book⁹” (1951, p.159). Para Sylvia Berkman, Joyce realmente foi uma influência para Mansfield durante o tempo que a artista escreveu seu *The Garden Party*.

A sensação que o leitor tem no final dos dois contos é demasiadamente pessimista. Maria e Ma Parker são mulheres que passaram por momentos que revelam a insignificância da vida que possuem, mas como já fora mencionado antes, somente Ma Parker percebe toda a frustração transmitida pela vida cruel. As duas personagens podem ser consideradas mortas-vivas, pessoas que continuam vivendo sem conhecer o verdadeiro significado e ânimo de viver. Elas nunca obtiveram coisas boas ou marcantes da vida e a essa altura da vida de cada uma delas, torna-se muito tarde para esperar por algo glorioso para acontecer. Suas vidas significam a própria morte, não apenas pelo fato das personagens se encontrarem com idades avançadas, mas por terem vidas tristes e sem sentido. É como se fosse desnecessário para elas manterem qualquer tipo de esperança no futuro, uma vez que, até então, não conseguiram nenhum tipo de satisfação no ato viver.

A frustração é uma característica comum nos contos de James Joyce e Katherine Mansfield. Todavia, as técnicas usadas para capturar a atenção do leitor são diferentes. A frustração, para Mansfield, está sempre relacionada à descoberta de algo desagradável, desgostoso, envolvendo o lado existencial do ser humano. Ma Parker sofre muitas frustrações até a chegada da frustração maior que é a perda de seu neto. A personagem de Mansfield passa por muito sofrimento durante o seu viver: ela era pobre e teve que deixar a sua cidade natal aos dezesseis anos de idade. Perdeu seu marido, sete filhos e um neto. Teve que criar sozinha seis crianças. O choro que ela nunca se permitiu ter estava, agora, prestes a explodir a sua alma. Mesmo assim, para chorar Ma Parker precisava encontrar um lugar apropriado para o ato. É como se a sua

vida fosse tão insignificante que ela não merecesse chorar e que se ela assim o fizesse, deveria ser em um lugar longe dos olhos do mundo. Vale a pena mencionar que no momento que procura um lugar para chorar, começa a chover e Ma Parker precisa retornar para casa. Como uma espécie de conspiração da natureza contra ela, nada no mundo ajuda essa mulher de sorte difícil. Para Ma Parker parece que a única coisa que ela deve realmente esperar do mundo é a morte. Ela já se posiciona como uma morta-viva em sua existência, com seus sonhos todos mortos e sem nenhuma esperança dentro dela. Além do mais, a morte pode ser observada como algo constante na vida dela: o marido, os filhos, o neto. Ironicamente, as pessoas mortas estão tão vivas em sua memória que parece que os mortos estão mais vivos que a própria Ma Parker, uma vez que a história de vida da protagonista está baseada na dor que sente em vida pelas pessoas que ela perdeu. Tomando por base a experiência de vida de Ma Parker, Mansfield mostra aos leitores toda a frustração de seu conto: a morte é o que se deve esperar da vida, especialmente em se tratando de uma vida triste e sem esperanças. Esse ponto de vista pessimista em relação ao mundo pode ser explicado de acordo com a própria declaração de Mansfield: “I adore life, but my experience of the world is that it’s pretty terrible ¹⁰” (BERKMAN, 1951, p.196). Sylvia Berkman escreveu em seus ensaios críticos sobre Katherine Mansfield que o dualismo “Vida *versus* Morte” nunca foi resolvido com harmonia ao longo de seus livros e que o conto “Life of Ma Parker” é um excelente exemplo disso, mostrando que a vida não é como queremos que seja - a vida é uma triste surpresa.

As técnicas de Joyce para alcançar a frustração precisam de duas importantes características de sua escrita: a parálise e a epifania. A parálise ocorre na incapacidade de agir. Na verdade, ela representa os próprios momentos de frustração. Na maioria dos casos, a parálise de Joyce estará relacionada à cidade de Dublin, aos seus problemas e às pessoas do local. Joyce acreditava que Dublin era centro de parálise política desde que a Irlanda havia se tornado colônia. Dessa forma, ele também achava que os dublinenses não tinham futuro e a situação era irremediável. De acordo com Hodgart (1978, p. 46), “Paralysis does affect most of the characters: they are unable to move out of their social milieu or to take any decisive action to

improve their lot”¹¹. Em “Clay”, a parálise e a frustração estão presentes no momento que a protagonista perde o bolo de ameixa que comprara e escolhera com tanto carinho; frustração e parálise também se fazem presentes no fato dos irmãos Alphy e Joe não estarem se falando, apesar do amor que sentem um pelo outro – inclusive o filho de Joe chama-se Alphy como homenagem ao irmão querido. Existe também um grande paradoxo nesse momento porque apesar de Maria ser considerada uma mulher pacificadora, ela nada pode fazer para que os irmãos façam as pazes; Maria torna-se impotente para promover a paz entre aqueles que ela realmente ama.

Devido aos momentos de parálise, o momento de epifania acontece. O momento de epifania é aquele momento de revelação de algo em sua essência. A epifania pode estar relacionada a algo alegre ou a algo triste e pode acontecer com o personagem principal, com o leitor do texto ou com qualquer outro personagem da história. Em “Clay”, Joe é quem apresenta o momento de epifania, uma epifania deveras triste. A própria Maria não sente a epifania apesar de seu status de personagem principal, uma vez que a sua alienação não permite qualquer forma de conscientização. Joe alcança a epifania quando ele ouve Maria cantando uma canção que representa o oposto de tudo que Maria vive: uma canção sobre amor, riqueza, poder e felicidade. Pode ser que no exato momento que Joe começa a entender a vida sem sentido de Maria, ele também comece a entender o vazio da própria vida que ele leva. A epifania sentida por Joe relaciona-se também ao uso de símbolos. No momento que Maria participa dos jogos de Hallow Eve e escolhe o barro (clay em inglês e daí o título do conto), Joe tem outro momento de epifania. O barro significa a morte e Joe entende, com isso, que Maria está perto da morte real, embora ela já seja uma morta em vida.

Tendo claro em mente que pessoas oriundas de classes mais baixas em qualquer parte do mundo apresentam vidas difíceis e que vivemos em um mundo sexista onde as mulheres tentam ocupar melhores lugares na escala social com bastante dificuldade, fica fácil entender as vidas sem sentido das protagonistas analisadas nos dois contos. No próprio Brasil, por exemplo, existem milhares de pessoas mortas em vida que geralmente trabalham muito

longe de casa e precisam deixar seus lares muito cedo para retornar aos mesmos muito tarde. São pessoas sem oportunidades de escolha que recebem salários baixos e que, muitas vezes, não conseguem ter momentos de entretenimento e prazer. É como se a vida também passasse para essas pessoas de forma a esperar a morte chegar.

Maria e Ma Parker são pobres mulheres solitárias sem nenhuma esperança na vida. Maria é incapaz de entender sua realidade. Seu nível de conformismo é imenso e serve para ilustrar a situação política da Irlanda em relação à própria dominação. Por sua vez, Ma Parker reflete a dualidade que Manfield quis mostrar baseada na Vida *versus* Mundo (ou Vida *versus* Morte, uma vez que, para a autora, viver é morrer) enfatizando que a vida sempre será algo frustrante. Ambas as protagonistas podem ser consideradas mortas em vida não apenas por não terem obtido vidas brilhantes ou dignas de admiração, mas também por terem se acostumado a viver sem qualquer espécie de sonho e esperança.

NOTAS DE TRADUÇÃO

¹ Eu quero escrever sobre as lembranças do meu próprio país. Sim, eu quero escrever sobre o meu próprio país até que eu gaste todas as minhas reservas.

² Ela sofreu na Nova Zelândia, inconscientemente e em silêncio quando era criança, consciente e ressentidamente enquanto adolescente. Por muitos anos, o ressentimento dela contra a Nova Zelândia tornou-se um símbolo de seu ressentimento contra a própria vida.

³ Se já existiu uma artista cuja vida e trabalho se tornaram uma só coisa inseparável, foi ela.

⁴ Ela tirou a blusa de trabalho e os sapatos de casa e deitou sobre a cama sua melhor saia e colocou seu pequeno sapatinho de sair aos pés da cama. Trocou sua blusa também e, como ela estava antes, pensou em como costumava se vestir para a missa aos domingos pela manhã quando era uma garotinha; e ela olhou com singular afeto para o pequeno corpo que ela tantas vezes embelezara. Apesar dos anos de seu corpo, ela o achou um belo asseado corpinho.

⁵ Ela organizou em sua mente tudo o que faria e pensou no quanto era bom ser independente e ter seu próprio dinheiro no bolso.

⁶ Ela costumava ter uma má opinião sobre os Protestantes, mas agora ela achava que eles eram pessoas agradáveis, um pouco quietas e sérias, mas ainda pessoas muito agradáveis para o convívio.

⁷ Uma mulher sozinha em um mundo hostil.

⁸ Eu sonhei que morava em palácios de mármore/ com vassallos e servos ao meu lado.

⁹ A senhorita Mansfield pode ter estado em contato com *Dubliners* após a sua publicação tardia em 1914, embora ela não tenha registrado por escrito nenhuma referência ao livro.

¹⁰ Eu adoro a vida, mas a minha experiência do mundo é que é terrível demais.

¹¹ A Parálise afeta a maioria dos personagens: eles são incapazes de sair do seu meio social ou tomar qualquer ação decisiva para melhorar as suas vidas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERKMAN, Sylvia. *Katherine Mansfield, a Critical Study*. London: Oxford University Press, 1951.

GORDON, Ian. *Katherine Mansfield*. New York: Green & Co., 1954.

HODGART, Matthew. *James Joyce: a student's guide*. London: Routledge & Kejan Parel, 1978.

JOYCE, James. *Dubliners*. Britain: Penguin Books, 1975.

MANSFIELD, Katherine. *The Garden Party and other stories*. New York: Alfred Kroff, 1953.

MURRY, John Middleton. *Katherine Mansfield and other literary studies*. Great Britain: R&R Clark Ltd., 1959.